

*Entrevista a Gerd Leipold, director-executivo da Greenpeace Internacional*

## “Não há contradição entre pacifismo e radicalismo”

Helena Geraldês e Sofia Branco

*A luta contra as alterações climáticas tem 30 anos, mas mantém-se prioritária. O director-executivo da Greenpeace Internacional, Gerd Leipold, que esteve recentemente em Portugal, diz que já não bastam discursos, é preciso agir.*

### **O mundo precisa da Greenpeace?**

Bom, isso não cabe à Greenpeace decidir. Nós pensamos que sim, mas o verdadeiro teste é se suficientes pessoas sabem o que estamos a fazer, se se comprometem, se nos apoiam activa e financeiramente, se temos impacto. E temos. Contamos com 2,8 milhões de pessoas que nos apoiam, temos milhões de pessoas que se comprometem através da Internet. Por isso, a resposta é sim.

### **O activismo ambiental continua a ser tão importante como antes?**

Sim. O activismo ambiental começou como algo norte-americano e europeu e hoje é global. Mas a natureza do activismo também pode mudar. Por exemplo, hoje temos os média online, que não existiam há 20 anos, e que representam uma grande diferença porque permitem o envolvimento activo de milhões de pessoas. As pessoas podem moldar uma campanha em vez de, simplesmente, apoiarem uma organização. Mesmo nos países onde existe um regime opressor, onde não há liberdade de expressão.

### **Quais são hoje as lutas da Greenpeace? São diferentes das dos anos 1970?**

Sim e não. As alterações climáticas são a nossa prioridade número um e isto não é novo. Estamos em campanha nesta área há 20 anos. Mas ainda existem muitas questões que são semelhantes às dos anos 1970. Por exemplo a destruição dos nossos oceanos. Nessa altura lutávamos essencialmente contra a caça à baleia. Mas, apesar dos progressos, hoje a caça à baleia ainda não terminou. A sobreexploração pesqueira é um dos maiores escândalos ambientais e ainda relativamente desconhecido. A poluição tóxica era um grande problema nos anos 1970 e hoje é um grande problema nos países em desenvolvimento. Sempre que olho para as fábricas de químicos na Ásia lembro-me da Alemanha dos anos 1970 e 1980. Alguns dos problemas que tivemos no mundo industrializado foram simplesmente exportados para outros países.

### **Há quem critique os métodos da Greenpeace, por serem demasiado radicais...**

Comprometemo-nos de forma muito rigorosa em sermos pacíficos. É um elemento chave para nós. E não entra em contradição com o radicalismo. Precisamos de confrontar o abuso da Natureza pelo poder político, de lhe fazer frente. O facto de sermos uma organização independente, que não recebe dinheiro de empresas nem de governos, significa que podemos falar com a nossa própria voz. Criar imagens, fazendo acções simbólicas, é muito importante porque cria a consciencialização sobre o que está mal, quem é responsável e o que pode ser feito.

### **De onde vem o vosso financiamento?**

A Greenpeace tem, em todo o mundo, 2,8 milhões de membros que nos apoiam financeiramente. Isto gerou, no ano passado, uma receita global de cerca de 200 milhões de euros. A Greenpeace não aceita qualquer financiamento de empresas ou de Governos porque queremos continuar independentes. A única outra fonte de financiamento são as fundações independentes. Temos ainda uma contribuição muito pequena do “*merchandizing*”.

### **O número de membros está a crescer ou a diminuir?**

Tínhamos muitos membros nos EUA, temos menos agora, mas já começámos a reverter esta tendência. A nossa maior ênfase é aumentar os membros na Ásia e na América Latina. No Brasil, na Argentina, México o número de membros da Greenpeace está a crescer a 20, 30 por cento ao ano. Mas tão importante como estes apoiantes, são os apoiantes online, os ciberactivistas, como lhes chamamos. Mas um ciberactivista não está passivamente à espera em casa que lhe digam o que fazer. Quer ser pró-activo. Há um elemento democrático nas campanhas modernas. A ideia do “nós é que sabemos e temos toda a estratégia” está ultrapassada. Temos de estabelecer uma relação madura com as pessoas que nos apoiam.

### **O que é preciso para ser membro da Greenpeace?**

Depende muito de quem é a pessoa, onde está e do que pode fazer. As possibilidades de se ser activista hoje são muito maiores do que há 20 anos. Nessa altura, um activista na Greenpeace era alguém que subia às chaminés das fábricas, que seguia em barcos pneumáticos a confrontar caçadores japoneses de baleias ou ainda contra os resíduos nucleares. Isso continua a ser parte da Greenpeace. Mas este activismo envolve apenas um grupo de pessoas. E hoje o mais importante é que mais pessoas se tornem activistas. O que pretendemos fazer em Portugal é um bom exemplo de como, mesmo sem ter uma sede, podemos influenciar o consumo de peixe. Actuo como indivíduo mas faço parte de uma estratégia global, na qual faço realmente a diferença.

### **As autoridades têm uma intervenção diferente para com a Greenpeace?**

São mais cautelosas do que com as organizações locais. Sabem que a comunicação social estará lá. Após o 11 de Setembro [de 2001], o activismo ficou mais difícil. As leis antiterroristas, introduzidas supostamente apenas para lidar com o terrorismo, tiveram impacto nos protestos das organizações. As leis são mais apertadas, a polícia é mais rigorosa. Por exemplo, há mais restrições à participação de estrangeiros em campanhas.

### **Quais são as vossas prioridades para 2008?**

As alterações climáticas. Serão tomadas decisões muito importantes nas negociações sobre o sucessor do Protocolo de Quioto. Mas, se só resolvêssemos o problema do clima e não olhássemos para outros problemas do ambiente, a Humanidade estaria a cometer um grande erro. Há uma área onde podemos, idealmente, combinar o combate às alterações climáticas e a protecção da natureza que é a da defesa das florestas antigas. A exploração dos oceanos é um dos problemas ambientais mais desconhecidos e um dos mais graves.

### **São as sociedades ocidentais as mais activistas?**

Não diria que as sociedades ocidentais são as mais activistas. Se virmos o que se passa na China ou na Índia vamos encontrar muito activismo. Muito do activismo ambiental tem mais a ver com a classe social das pessoas. Assim, a classe média e os estudantes, em quase todos os países mostram activismo. E devido a um mundo globalizado e da Internet, eles aprendem uns com os outros. Já não existe assim tanta diferença. Na Europa ninguém se atreve a dizer que o ambientalismo não é importante.

### **Quais os países que mostram uma maior vontade política para melhorar o Ambiente?**

Não há uma resposta fácil a essa pergunta. Nos Estados Unidos, a administração Bush comporta-se de forma quase criminosa ao não lidar com as alterações climáticas. Mas depois há o estado da Califórnia ou a cidade de Nova Iorque que tem plano climático muito radical sobre como reduzir emissões. Há universidades que decidem retirar os seus investimentos de empresas petrolíferas e passá-los para empresas que estão a reduzir as emissões. Algo de interessante é quão rapidamente um país pode estar a liderar e depois ser ultrapassado por outros. Durante muito tempo, a França não se interessou muito com as questões ambientais. Quando chegou ao poder, [Nicolas] Sarkozy trouxe ideias muito interessantes, promovendo uma discussão sobre os temas mais importantes e assumindo algumas consequências, de forma muito célere. Ficámos surpreendidos com o anúncio da redução em 50 por cento da utilização de pesticidas, não construir mais grandes autoestradas, promovendo os transportes públicos. Mas ao mesmo tempo, Sarkozy é completamente irresponsável quando se fala de energia nuclear.

### **Como vê a atribuição do Prémio Nobel da Paz à luta contra as alterações climáticas?**

Foi um brilhante sinal dado pelo comité dos Prémios Nobel. Porque reconhece que as alterações climáticas têm o potencial para conduzir à guerra, de forma imediata. O comité para o prémio Nobel distinguiu duas forças essenciais: Al Gore – que fez muito pela consciencialização da opinião pública – e o IPCC [Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas] que penso ser um admirável contributo da comunidade científica. Se posso ser ligeiramente crítico, se Al Gore se tivesse comprometido a fazer alguma coisa pelas alterações climáticas quando era vice-Presidente [dos Estados Unidos], e se Bill Clinton se tivesse comprometido, hoje estaríamos muito melhor. E isso é um dos grandes desafios da actualidade. Porque quando os políticos não estão no poder, de repente, tornam-se protectores do Ambiente. Mas quando estão na posição de fazer alguma coisa encontram desculpas. E isto não vai ser suficiente para o futuro. Hoje em dia todos sabem como fazer bons discursos. Precisamos avançar para uma situação em que quando alguém tem o poder, tenha também a coragem para tomar medidas, por vezes difíceis, para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa.

### **Porque escolheu juntar-se à Greenpeace em 1981?**

Fui influenciado pelo movimento estudantil na Alemanha e sempre quis ser activo. Mas nunca gostei do tipo de organizações altamente politizadas. Até que ouvi falar da Greenpeace. Eu era oceanógrafo e estavam a decorrer acções nos oceanos contra o despejo de resíduos químicos. Fiquei inspirado pelas acções e pensei que, como cientista, podia ajudar a Greenpeace. Pensei que não era justo que a maioria dos cientistas estivesse do lado dos governos. Depressa fiquei muito entusiasmado também com as acções directas. E, na altura, era um movimento. Havia o sentimento de que a política tradicional não tinha a resposta para a nossa sociedade. Era preciso encontrar novas formas de organização. O que gostei especialmente na Greenpeace era o facto de ser radical mas pragmática, de lidar com problemas locais mas no contexto de uma organização global; era cuidadosa em não se posicionar no espectro político e optava por ser progressiva e olhar para o futuro, decidindo, sabiamente, não alinhar com partidos políticos. E assim conseguiu levar as questões ambientais a muito mais pessoas.

### **Mas não deixa de ser uma organização política...**

Obviamente somos uma organização com efeitos políticos mas o princípio é não termos filiação política. E não podemos dizer que a esquerda é mais pró-ambientalista do que a direita.

### **Como faz para coordenar todas as acções da Greenpeace no mundo?**

Somos uma organização activista onde há debates vigorosos, desacordos e temos muitas actividades que nascem localmente, do trabalho no terreno. Cabe à Greenpeace Internacional pensar no desenvolvimento da organização: devemos abrir novas delegações? Como e onde? Às vezes lamento não poder estar na linha da frente, mas talvez com a minha idade isso já não seja exigido [risos].

### **Nestes 27 anos que está na Greenpeace, salienta algum episódio que o tenha marcado mais?**

Estar com a Greenpeace assim há tanto tempo e nas posições que ocupei foi um enorme privilégio. Voar num balão de ar quente sobre o Muro de Berlim [em 1983] foi uma experiência muito especial. Foi uma oportunidade para aprender a pilotar um balão de ar quente. Passei o Verão a aprender. Na altura não senti assim tanto medo porque sabia que fazia parte de uma equipa. Sentia uma enorme solidariedade. Lembro-me quando descemos do balão, os soldados apareceram e correram na nossa direcção com as suas armas apontadas. Como estava nervoso, disse sem pensar: “Não tenham medo”. O que, claro, era ridículo. Não tínhamos armas, estávamos num território onde eramos indesejados na altura. Foi muito especial porque uma das questões que me é mais cara é o desarmamento nuclear. O nosso voo no balão de ar quente era para protestar contra os testes nucleares. É espantoso este sentimento de nos levantarmos contra os instrumentos mais poderosos do mundo, como as marinhas norte-americana e soviética com um dos nossos velhos navios. E ver como estes grandes países não conseguiram lidar com uma forma de pensar que não se baseava nas armas nem no poder. Espero que estas acções tenham sido uma inspiração para muitas pessoas em todo o mundo.